

O HOMEM INSUFICIENTE – COMENTÁRIOS DE ANTROPOLOGIA PASCALIANA

De **Luiz Felipe Pondé**
São Paulo : Edusp, 2001. 269 p.

Por **Antonio José Romera Valverde**

Professor do Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da FGV-EAESP e de Filosofia da PUC-SP.
valverde@fgvsp.br



“O homem ultrapassa infinitamente o homem.”
Blaise Pascal (1623-1662)

Por acaso um texto emoldurado, *grosso modo*, como filosofia da religião, acerca de um pensador do século XVII – ora considerado moralista, ora teólogo jansenista – pode interessar ao administrador de empresas na atualidade? Em princípio, espera-se por resposta sumária e negativa. Será o caso?

Se a ignorância religiosa generalizada de nosso tempo, herança do laicismo iluminista, toma a religião como sintoma de ignorância; se, sob o universo da Cultura Organizacional e Recursos Humanos, paira a desconfiança de que os seres humanos permanecem religiosos e/ou submersos na angústia religiosa – em luta trágica com o *sentimento oceânico*, penso que ajustes finos de nossos instrumentos cognitivos podem ser (re)despertados pela leitura da análise do pensamento de um máxime observador da natureza humana: Pascal.

O livro em questão é um esforço de crítica das idéias de suficiência e eficiência absolutas, do ponto de vista da antropologia pascaliana. Pascal sintetizou toda herança agostiniana do *livre-arbítrio* e acertou contas

teóricas com o pensamento de Lutero acerca do *servo-arbítrio*. O resultado mais visível disto é o fato de a igreja católica francesa ser diferente de outras mais próximas da tradição romana, desde meados do século XVII. A igreja na França não *virou* protestante, manteve-se católica, porém de modo próprio, propensa ao racionalismo e sem fausto nas igrejas. É estranha em vista do jansenismo. Os jansenistas introduziram nela o espírito da Reforma. Para Pascal, do ponto de vista da história da filosofia, jansenismo é atualização do agostinismo verdadeiro.

Entender tal fato histórico-filosófico interessa aos administradores que ousam pensar com grandeza, uma vez que facilita compreender-se porque, não sendo hegemonicamente protestante, a França não perdeu o trem da história, como outros países católicos. Tendo ainda disparado e reforçado o festim capitalista ao acender das *luzes*.

O autor, Luiz Felipe Pondé, é filósofo, doutor pela USP e Université de Paris VIII, professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP, estudioso do místico alemão Eckart (1260-1327), leitor assíduo de Dostoiévski, e também confe-

rencista em universidades européias. Em *O homem insuficiente* debruça-se sobre textos pascalianos, primeiramente para ouvi-los, e *a posteriori* para integrá-los em fina análise. Imbuído de prudência, o que ouve de saída parece inaudível para o homem contemporâneo: o mistério humano, ininteligível sob o espectro da natureza humana. Para tal, Cioran, o filósofo mais angustiado de nosso tempo, sugerira pistas para a audição: “*Entre os moralistas, somente Pascal se dobrou sobre a dimensão metafísica da existência humana... Ao lado dele, todos os outros, sem exceção, parecem fúteis, porque não perceberam nossa miséria, mas nossas misérias, aquela soma de insuficiências, de enfermidades inevitáveis e quaisquer que não exprimem senão um aspecto de nossa natureza. Mas eles não sentiram o mal capital, intrínseco que a ela é inerente...*”

Esqueçamos, momentaneamente, o Pascal do princípio da sistematização da teoria da probabilidade e da precursora da máquina de calcular, aparentada da régua de cálculo. A obra de Pondé cuida do filósofo católico-jansenista, preocupado com os destinos do humanismo sem Deus. Para o homem *que temia os espaços infinitos*, o humanismo renascentista seria uma farsa do que se passara ao final da Antigüidade. Naquele tempo, Agostinho (353-430) retomou a dupla tradição cristã, intelectual e espiritual (*Atos dos Apóstolos*, 17, 16-34 e *I Coríntios* 1, 17-18 e 2, 16), e fundou o ideal de cultura cristã, calcado no dístico “crer e compreender”, assimilado de Isaías (*Isaías* 7, 9). Pascal, por sua vez, retoma Agostinho: “crer” é dom gratuito de Deus, “compreender” a fé e a graça deve-se ao esforço racional. Se Agostinho investira contra o humanismo sem Deus de Pelágio, Pascal discorda da orientação do humanismo renascentista, desde a idéia secularizada de autonomia humana, em Pico della Mirandola. A troca de centro da cultura – de Deus pelo homem – fruto da crise religiosa do final da Idade Média e início da Idade Moderna, o advento da ciência moderna, o projeto burguês, contrariam o pensador do Port Royal.

Pascal retoma a teologia da graça de Agostinho para munir-se de argumentos contra o molinismo – humanismo jesuíta francês do século XVII. Segundo Molina, Deus dá a graça suficiente aos homens ao nascerem, porém a capacidade do bem – mandamento de Deus – cabe ao livre-arbítrio. Pascal bate-se pela defesa da transcendência irredutível do sobrenatural, pois se a graça eficiente não for eficaz, o homem só fará o mal. Por ser a graça contingente, já que não há certeza se ela está operando ou não, o homem deve agir com *temor e tremor*. A natureza humana é má, donde todo determinismo ser mau; o bem, ao contrário, é transcendente. Agostinho engendrara a assimetria entre bem

e mal, pois o mal não tem caráter ontológico. O bem deriva de Deus, o mal é automatismo da natureza, desde a queda e a expulsão do Paraíso. Pascal afirma que o primeiro humanista equivocado da história foi Adão, pois tomou a si mesmo como causa de si pela recusa de Deus.

Pondé demonstra que, para antropologia pascaliana, o homem insuficiente – no regime da natureza – tende sempre à destruição, pois a natureza humana é disjuntiva, não compõe um todo harmônico, mas dispersa de modo centrífugo seus elementos e promove conflitos entre as funções. Desde “Os fragmentos acerca das três ordens”, retirados de Agostinho, o autor recria o pessimismo de Pascal acerca do homem. O reconhecimento da insuficiência como desgraça abre a percepção de que o homem é um ser sobrenatural, um animal de transcendência, que anseia por Deus. O viés positivo emerge do reconhecimento da insuficiência do animal transcendente. Idéia que se encontra disseminada ao longo da obra.

Pondé divide o livro em duas partes: “Insuficiência, graça e conversão” e “A fenomenologia da diversidade da insuficiência – insuficiência como natureza disjuntiva”. Para o primeiro capítulo da primeira parte, o autor analisa os *Escritos sobre a graça* e, para o segundo, *Cartas do Sr. Pascal à Srta. Roannez, Sobre a conversão do pecador e Prece para pedir a Deus o bom uso das doenças*. Os especialistas do pensamento do jansenista, que comparecem aos capítulos iniciais, são Mesnard e Sellier. Para a segunda parte, dividida em outros dois capítulos, a sustentação advém da reflexão acerca dos *Pensamentos*, livro mais incômodo de Pascal. Nessa última parte, Pondé dialoga com Magnard, Goldmann, Chevalley, Thirouin, Carraud e, novamente, Mesnard. A escolha desses estudiosos significa revisitar *la tradition pascalienne*.

Inscrito, anacronicamente, na tradição da teologia negativa, “de uma ponta a outra de sua antropologia, Pascal busca indicar que a suficiência da natureza humana é a morte de Deus. E como o homem só existe enquanto objeto singular na sua dimensão sobrenatural, o humanismo como crença e afirmação da suficiência representa na realidade a dissolução do próprio homem.”

Com zelo acadêmico, Pondé mantém termos específicos da filosofia pascaliana em francês e latim, espelhados por oportuníssimas notas de rodapé: *ennui, divertissement, déchirement, caritas, cupiditas...*

Há quem prefira Nietzsche a Pascal. Qualquer que seja a escolha, vale a pena conferir a sábia reflexão de Pondé acerca da *insuficiência humana como drama teológico*. ○